

Resenha de obra

As lições do professor: *Capítulos de literatura hispano-americana*, de João-Francisco Ferreira*

Karina de Castilhos Lucena**

JÁ É MAIS OU MENOS CONSENSUAL ENTRE AQUELES que escrevem para jornais e revistas, acadêmicos ou de notícias, que as resenhas devem se ocupar de livros publicados ou reeditados recentemente, em geral nos últimos cinco anos. Esse critério da atualidade da publicação às vezes suplanta o da sua qualidade, e nos deparamos com uma série de resenhas de livros de qualidade duvidosa que só mereceram a atenção do crítico por se tratarem da novidade editorial de um autor já consagrado anteriormente.

Esta resenha procura ir na direção oposta. Trata de um livro de 1959, nunca reeditado, escrito por um professor hoje aposentado da área de literatura hispano-americana do Instituto de Letras da UFRGS que, embora tenha livros publicados por editoras respeitáveis (LP&M, EDUFRGS) e carreira acadêmica consagrada no Brasil e no exterior, é relativamente desconhecido daqueles que leem, se interessam ou estudam a literatura de língua espanhola atualmente. *Capítulos de literatura hispano-americana*, de João-Francisco Ferreira, merece atenção porque foi um dos primeiros panoramas das letras hispano-americanas escritos por brasileiro com força para permanecer como manual de consulta confiável por mais de cinquenta anos depois de sua publicação – antes dele, Manuel Bandeira havia transitado pelo tema com *Literatura Hispano-americana*, de 1949, uma importante referência para Ferreira.

Sabe-se pouquíssimo da biografia de João-Francisco Ferreira. Ele nasceu em Pelotas, mas, ainda na adolescência, passou a residir em Porto Alegre, onde mais tarde assumiu uma cátedra na Faculdade de Filosofia e Letras da UFRGS. Atuou como professor em universidades norte-americanas e como diplomata no México. É muito provável que tenha redigido os *Capítulos de literatura hispano-americana* antes dos trinta anos, o que torna a obra ainda mais significativa se contrastamos a juventude do autor à densidade dos vinte e cinco capítulos que ocupam as quase quatrocentas e cinquenta páginas do livro.

A obra tem um subtítulo: *Do século XV aos nossos dias*. E é precisamente este o período de tempo abrangido, ou seja, das crônicas de Cristóvão Colombo aos romancistas das primeiras décadas do século XX. A maioria dos capítulos se estrutura a partir da apresentação da vida e da obra de um autor fundamental das letras hispano-americanas: *Colombo, primeiro cronista* (capítulo I); *Echeverría e José Mármol* (XIII); *Rubén Darío* (XIX); *Pedro Henríquez Ureña e Alfonso Reyes* (XXV).

Entretanto, o critério de autor não é o único adotado por Ferreira para estruturar seu livro, já que há. Pode haver capítulos intitulados *O barroco na América do século XVII*; *O romantismo na América*; e *O modernismo*, seguindo-se a divisão das escolas literárias. Também há capítulos ordenados a partir de um tempo: *Panorama geral do século XVIII na América Espanhola* (capítulo X) e *O romance do século XX* (XXIV); e outros pensados em torno de uma temática: *O gaúcho e os criadores da poesia gauchesca* (XV) e *Poesia feminina* (XXII). Essa oscilação na forma de ordenar o livro – que poderia ser um de seus aspectos negativos – é proposital e o autor mostra-se consciente dela ao afirmar, na *Introdução*, que a obra não pretende ser uma história literária e, sim, uma compilação das lições ministradas em sala de aula.

Esse formato de coletânea das observações de aula também permite que Ferreira imprima fluência e leveza ao texto, características não muito comuns aos manuais de história da literatura. Nas biografias romanceadas e no desenho minimalista da personalidade dos autores em questão, Ferreira compromete a objetividade do texto crítico em nome da veia literária que gosta de exercitar (ele tem um bom número de poemas publicados).

A descrição do frei Bartolomé de las Casas, um dos primeiros cronistas da conquista da América hispânica, dá mostras da verve ficcional de Ferreira:

Quem olha o seu retrato, com a legenda humilde, ‘Bartolomé de las Casas, bispo de Chiapas’, não pode medir a grandeza e a chama vital que animou um dia aquele homem que ali está a escrever, numa atitude de quem dominou suas paixões e nada mais deseja do mundo. O retrato não é verdadeiro; jamais um pintor retratou o grande missionário. E nem podia ser. Como imaginar, assim sereno, com esta doçura e melancolia no olhar, quem assistiu às piores cenas de crueldade de que se tem notícia na Hispano-América, e depois as denunciou com toda coragem e veemência de que é capaz um sacerdote e escritor? Aquele homem santo do retrato não podia ser Las Casas. Ou podia? (1959, p. 56).

Segue a mesma linha a apresentação da poeta Sórora Juana Inés de la Cruz, um dos nomes do barroco hispano-americano:

Seu aparecimento e gênio precoce têm algo de mítico; lembra o de Mozart. Nasceu obscuramente em 1651, numa granja em San Miguel de Neplanta, ao pé do terrível Popocateptl, símbolo adequado à origem e à estranha e rica existência de Juana de Asbaje y Ramírez, nome com que foi batizada na povoação de Amecameca. Aos três anos surpreende pela primeira vez a seus pais: por deliberação própria aprendera a ler (1959, p. 128).

Mas essa adjetivação abundante na delimitação dos caracteres não compromete o texto crítico de Ferreira, justamente porque aparece somente quando são narradas as biografias. Ao considerar os textos ficcionais, o professor demonstra domínio da forma literária – principalmente quando analisa poesia (provavelmente um reflexo de sua atuação como poeta), sobre a qual Ferreira se debruça com muito mais propriedade e interesse do que a prosa, atentando para questões de métrica e rima, por exemplo.

Outra qualidade de *Capítulos de literatura hispano-americana* é o fôlego de leitura de seu autor. Ele examina detidamente histórias literárias anteriores (principalmente as de Menéndez y Pelayo, Enrique Anderson Imbert e Manuel Bandeira), das quais tira material para a estruturação de seu livro. Ferreira empreende uma pesquisa abrangente sobre os autores e obras analisados, a qual fica evidente nos detalhes, principalmente biográficos, levantados.

Apesar de afirmar que sua obra não é uma história literária, Ferreira possui visão histórica, especialmente ao identificar continuidades numa tradição que vinha se formando. Um exemplo: no capítulo XV – *O gaúcho e os criadores da poesia gauchesca* – o professor traça uma linhagem de escritores que se detiveram ao tema, desde os *payadores*, passando por poetas secundários como Hilário Ascasubi, até chegar, no capítulo seguinte, ao *Martín Fierro*, de José Hernández. Assim, Ferreira demonstra consciência de que a literatura passa por um processo de formação que vem se gestando ao longo da história até desembocar no cânone.

João-Francisco Ferreira se preocupa, também, em oferecer ao leitor sínteses sobre os assuntos abordados, o que torna o livro um manual didático precioso. Ao chegar ao fim da apresentação dos escritores argentinos românticos, o autor conclui:

A língua e a ação podiam ser diferentes nesses grandes românticos, mas a tarefa era a mesma, e a todos uniu, mesmo com divergência, polêmicas e inimizades. Cada um cumpriu sua missão, deu algo de novo e fecundo à pátria argentina e à América. Sarmiento, o maior, retrata o presente e indica o futuro; Echeverría, o iniciador, desvenda o horizonte que conduzirá à liberdade, à democracia, ao progresso; Alberdi, o estadista, estabelece a ordem, a lei; Mitre, o soldado, e López, o professor, escrevem a história nacional; Gutiérrez, o humanista, introduz o espírito de investigação e a crítica literária; Mármol, o poeta, denuncia o horror e a crueldade dos tiranos (1959, p. 242).

Embora singelas, sínteses como essas marcam a voz do crítico no texto, um trabalho de organização intelectual às vezes ausente em compêndios preocupados com a mera exposição cronológica de autores, obras e períodos literários. Contudo, a maior qualidade do livro de Ferreira é o contraste entre a tradição literária hispano-americana e a brasileira. Sendo uma obra escrita em português sobre a literatura de língua espanhola, voltada para estudantes de Letras brasileiros interessados nas letras hispânicas, essa comparação é mais do que adequada e ausente em textos semelhantes (Manuel Bandeira não se preocupa com a aproximação; tampouco a fará Bella Jozef, em sua *História da Literatura Hispano-americana* de 1971, ainda hoje uma das mais respeitadas no circuito acadêmico).

Ao apresentar a poesia gauchesca argentina e uruguaia, Ferreira faz questão de falar do gaúcho rio-grandense e cita Simões Lopes Neto como maior nome dessa vertente na literatura brasileira (1959, p. 268). Igualmente, aproxima José de Alencar do romântico peruano Ricardo Palma e afirma: “como a maioria dos românticos, Palma buscou no passado nacional seus temas [...] foi, aliás, o que fez também o nosso Alencar, com menos resultado que Ricardo Palma” (1959, p. 295). Podemos até duvidar da superioridade de Palma em relação a Alencar, já que, se o tema é resgate do passado, o peruano pode até ter alcançado melhores resultados, mas nas estratégias de construção do romance, Alencar está muito à frente. Porém, a inclusão do Brasil no debate sobre a literatura produzida nas Américas abre uma perspectiva que nos anos setenta vai ser explorada por outros intelectuais brasileiros (Antonio Candido, Flávio Loureiro Chaves, José Hildebrando Dacanal, para citar apenas três nomes).

Sendo assim, os *Capítulos de literatura hispano-americana*, de João-Francisco Ferreira, constituem uma leitura ao mesmo tempo agradável e instrutiva, indicada aos que gostam de entender a literatura em sua relação com a história, conhecer minúcias sobre autores e estabelecer relações entre textos de diferentes épocas e lugares. Além disso, um professor que se compromete em ordenar textualmente suas anotações de aula e publicá-las num volumoso livro demonstra uma elogiável preocupação com o ensino de literatura na universidade, espaço que, embora às vezes nos esqueçamos, também se destina à formação de leitores.

Referências

FERREIRA, João-Francisco. *Capítulos de literatura hispano-americana: Do século XV aos nossos dias*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1959.

* Resenha recebida em 06/06/2013 e aprovada em 20/09/2013.

** Doutora em Letras. Professora de Literatura Hispano-americana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).